Pedro Soares sem oposição recandidata-se Presidência da Ordem dos Enfermeiros nos Açores

“Há um sistema regional de saúde a construir centrado nas pessoas e que valorize quem o defende todos os dias”

Sem oposição, Pedro Soares recandidata-se à Presidência do Conselho Directivo Regional da Ordem dos Enfermeiros nos Açores. De ilha em ilha tem vindo a aferir das necessidades e o que verifica é que há um Sistema Regional de Saúde a construir, centrado nas pessoas e valorizando quem o defende todos os dias, neste caso os enfermeiros. O candidato defende uma interoperabilidade institucional, que “no caso dos Açores teima em falhar, e numa região de fracos recursos, ou conseguimos uma partilha dos mesmos ou quero crer que os gastos irão continuar a ser altos e não conseguiremos os objectivos de melhorar a eficiência e a qualidade do Serviço Regional de Saúde”. O que o move na recandidatura “é continuar a trabalhar”, pois nos dia de hoje ainda “enfrentamos desafios complexos, desafios que exigem uma liderança firme e uma visão clara”.



Pedro Soares recandidata-se à Presidência do Conselho Directivo Regional da Ordem dos Enfermeiros

Atlântico Expresso: Recandidata-se a Presidente do Conselho Directivo Regional da Ordem dos Enfermeiros. Neste mandato foi porque queria dar mais dignidade e valorização à profissão. O que o move agora?

Pedro Soares: O que me move é a visão de um futuro onde cada enfermeiro dos Açores tenha acesso à formação e recursos de que necessita, onde o seu trabalho seja recompensado de forma justa e onde os seus direitos sejam respeitados. Uma visão de um Sistema Regional de Saúde (SRS) mais eficiente, onde os enfermeiros desempenham um papel central na promoção da prevenção e no apoio à comunidade. Uma visão de solidariedade e respeito entre todos os profissionais de saúde, trabalhando juntos em prol do bem-estar de todos os açorianos.

Não é suficiente sonhar com um Sistema Regional de Saúde melhor, devemos ser a mudança que queremos ver. No meu primeiro mandato, lutamos incansavelmente para garantir que cada enfermeiro dos Açores pudesse exercer a sua profissão com dignidade, segurança e respeito. Conseguimos avanços significativos, mas o nosso trabalho está longe de terminar.

Assim como no mandato anterior, continuo a ser movido por uma paixão profunda e um compromisso inabalável com a minha profissão. Hoje, enfrentamos desafios complexos, desafios que exigem uma liderança firme e uma visão clara.

Durante este mandato passou por uma pandemia, três secretários regionais da Saúde, alterações em praticamente todas as instituições públicas de saúde a nível dos conselhos de administração, entre outros. Qual o balanço que faz?

Este mandato foi deveras desafiador para mim e restante equipa pelo facto de termos enfrentado situações inesperadas e complexas que exigiram respostas rápidas e eficazes. A pandemia, por si só, foi um evento sem precedentes que colocou à prova todo o sistema de saúde e, consequentemente, o nosso papel como Ordem.

O balanço que faço é um misto de desafios superados e metas cumpridas, isto porque efectivamente conseguimos num trabalho intenso por um lado apoiar todas as equipas no combate pandémico, e ao mesmo tempo recuperar o nosso plano prometido aos enfermeiros inicialmente, com uma taxa final de execução a rondar os 90%.

As mudanças frequentes nos secretários regionais da Saúde, no próprio Governo e as alterações nas instituições públicas de saúde, trouxeram instabilidade e desafios de coordenação normais a essas mudanças. No entanto, na minha visão, também abriram oportunidades para uma abordagem mais colaborativa e inovadora na gestão da saúde. Sempre disse que era essencial que trabalhemos em estreita colaboração para garantir que os enfermeiros sejam ouvidos e que as políticas de saúde promovam a valorização da enfermagem, e ao mesmo tempo, melhorarmos o cuidar da nossa população. O balanço é, portanto, uma mistura de desafios superados e lições aprendidas, num resultado final que está á vista de todos, e que será avaliado agora pelos enfermeiros através do seu voto, que para nós será um voto útil e de confiança.

Do que conseguiu materializar o que destaca e o que lhe falta fazer?

Foi efectivamente um mandato com ganhos para a profissão, e a destacar não posso não falar nos reposicionamentos dos enfermeiros em termos remuneratórios, que não estando concluído, é já um exemplo a nível nacional pela justiça que a Região está a fazer com a classe, e onde enquanto representantes de todos os enfermeiros açorianos, tivemos um trabalho exaustivo e liderante no processo. Destaco ainda a legislação para a criação do Enfermeiro de Família, este é o futuro dos cuidados, já acontece noutros países, seremos exemplo também a nível nacional, com claros ganhos para a nossa população e organização do SRS.

Melhorámos os serviços oferecidos pela Ordem nos Açores aos seus membros, com oferta de formação gratuita online, tão importante na nossa realidade arquipelágica, realizámos dezenas de visitas ás instituições de saúde de todas as ilhas com consequências em muitas situações encontradas que careciam de correção, denunciámos sempre que foi necessário questões que careciam atenção, colaborámos na construção do plano regional de saúde, realizámos o primeiro congresso de Enfermagem dos Açores com a promoção dos projetos da enfermagem açoriana, entre outros ganhos. Sentimos que claramente os Enfermeiros acima de tudo, hoje têm voz.

Apesar disto tudo, há muito a fazer, há um Sistema Regional de Saúde a construir, centrado nas pessoas e valorizando quem o defende todos os dias, os seus profissionais. Obviamente defendo o papel fundamental dos enfermeiros neste processo, e que nos leva a uma enfermagem avançada a

A falta de enfermeiros é transversal a todas as ilhas, mas Graciosa e Flores são aquelas onde há mais dificuldades em fixar profissionais

implementar nos Açores, várias questões regulamentares a criar na Região, um trabalho contínuo no terreno em cada dimensão de cada ilha em termos de acompanhamento do exercício, entre outras situações que colocámos no nosso plano de acção.

Passando em revista alguns assuntos pertinentes. Disse que os cuidados podem estar em risco nos lares dos Açores por falta de enfermeiros e investimento nos cuidados de enfermagem prestados nos lares da Região são fundamentais para "garantir a sustentabilidade destas instituições. O que se alterou?

A nossa advocacia pode ter aumentado a sensibilização sobre a importância dos cuidados de enfermagem nos lares, levando a que em algumas instituições tenha havido investimentos, nomeadamente na contratação e valorização dos seus enfermeiros. Infelizmente foram poucas e isto leva-nos a uma grande preocupação, quando percebemos que claramente hoje, começa a ser tarde no preparo do amanhã nesta área. Vamos no próximo mandato ser ainda mais rigorosos no trabalho de proximidade a estas instituições, numa avaliação contínua das condições nos lares dos Açores e do acesso aos cuidados de enfermagem.

É nossa responsabilidade assegurar que nenhum idoso ou pessoa em cuidados de longo prazo esteja em risco devido à falta de enfermeiros, à insuficiência de investimentos ou a modelos de gestão retrógrados.

No que concerne às valorizações nas carreiras das profissionais, está tudo em dia?

Infelizmente ainda não. É um processo difícil, que implica um trabalho exaustivo de todas as partes, assim como disponibilidade financeira. No entanto, tenho perfeita noção de que estamos cada vez mais perto da justiça para toda a classe, sendo que sabemos hoje perfeitamente qual o caminho a percorrer. Iremos continuar a advogar pela valorização remuneratória dos enfermeiros e garantir que os profissionais de enfermagem sejam adequadamente reconhecidos e recompensados pelo seu trabalho.

Nos Açores, segundo um vosso estudo faltavam cerca de 450 enfermeiros em 2022, em todo o arquipélago. E agora?

Com a contratação que aconteceu durante o ano de 2022 e por diante, esse número ronda neste momento os 350, mas chegámos a um ponto preocupante, estamos a formar praticamente o mesmo número de enfermeiros que terminam a carreira por ano, o que na nossa realidade preocupa-me sobre maneira. Vamos realizar um novo levantamento exaustivo, tendo em conta as alterações que a pandemia originou na reorganização dos serviços, e pretendemos demonstrar num estudo temporal uma demonstração das nossas necessidades num intervalo até dez anos.

Quais as ilhas mais carenciadas em termos de pessoal de enfermagem? Como se pode cativar os enfermeiros para estas ilhas?



"Apesar de ser transversal a necessidade de enfermeiros, eu destaco as ilhas mais pequenas, nomeadamente as Flores e a Graciosa, em especial pela dificuldade na fixação dos Enfermeiros. Daí a nossa insistência na criação dos incentivos à fixação o quanto antes como forma de atractividade e garante do futuro dos cuidados, porque hoje trabalhamos em muitas das instituições abaixo das dotações seguras legisladas, e obviamente é um factor que temos de mudar, apostar na saúde de forma planeada não é um custo, é um investimento"

Apesar de ser transversal a necessidade de enfermeiros, eu destaco as ilhas mais pequenas, nomeadamente as Flores e a Graciosa, em especial pela dificuldade na fixação dos enfermeiros. Daí a nossa insistência na criação dos incentivos à fixação o quanto antes como forma de atractividade e garante do futuro dos cuidados, porque hoje trabalhamos em muitas das instituições abaixo das dotações seguras legisladas, e obviamente é um factor que temos de mudar, apostar na saúde de forma planeada não é um custo, é um investimento.

Ajudaram construir a legislação para a criação do Enfermeiro de Família nos Açores. A implementação de um enfermeiro de família, como diz, é um passo fundamental para que se consiga cuidar da saúde dos açorianos a montante. Para quando? E com que meios?

Este é passo um fundamental na transformação dos cuidados de saúde, com o foco centrado na pessoa e na promoção da saúde a montante, dando origem á valorização dos cuidados de saúde primários e com isto, acredito, que trabalharemos melhor na prevenção e tratamentos na comunidade, libertando os hospitais para a sua real missão. Depois da criação da legislação, estamos na fase final da elaboração da regulamentação e planeamento da implementação em si em unidades piloto, sendo que já foi anunciado pela tutela aonde irá acontecer. Nesta fase, estamos a trabalhar com as instituições para o garante dos meios, sendo que aquilo que mais é necessário neste momento, é mesmo a reorganização daquilo que existe, e com alguns acertos teremos condições para este avanço inicial.

Defendeu que deve haver a integração dos cuidados de saúde primários, com os cuidados de saúde hospitalares e com os cuidados continuados é crucial. Em seu entender, o que falta para isso seja uma realidade na Região?

Eu defendo uma interoperabilidade institucional, que no caso dos Açores teima em falhar, e numa região de fracos recursos, ou conseguimos uma partilha dos mesmos ou quero crer que os gastos irão continuar a ser altos e não conseguiremos os objectivos de melhorar a eficiência e a qualidade do SRS.

A implementação bem-sucedida desse tipo de interoperabilidade depende claramente de uma coordenação central e comunicação eficaz, um sistema de informação eficiente, a promoção desta cultura organizacional e obviamente o alinhamento da legislação e políticas de saúde, sendo um processo complexo, mas real em outros sistemas de saúde e com claros ganhos económicos, mas principalmente, nos cuidados ànossa população.

A emigração continua a ser um problema para a fuga de enfermeiros dos Açores, ou não?

Não é ainda um grande problema, sendo que existe mas em número reduzido, embora, a perda de um enfermeiro na Região tem um impacto muito grande. O grande problema passa mesmo pelos convites que chegam do estrangeiro, com contratos vantajosos que Portugal não consegue combater, e isto sim, poderá ser um problema para a região. A única forma que temos, é criar condições de trabalho motivadoras, uma gestão eficiente dos serviços e recursos e condições várias de apoio ao profissional, nomeadamente na auto-formação ou formação especializada, tão essencial numa profissão onde os cuidados estão em constante desenvolvimento.

Acha que é possível melhorar o panorama do número de enfermeiros se abrissem mais vagas na academia açoriana para enfermagem, ou isso podia levar a uma taxa de desemprego porque as instituições não conseguiam absorver?

Defendo o aumento da formação base de enfermeiros nos Açores, para que possamos combater o número de enfermeiros que termina a carreira por ano, e que empiricamente sabemos que irá aumentar nos próximos anos, e que iremos demonstrar ao realizar um estudo nesta matéria. Temos noção das dificuldades em termos da formação, o que me leva a defender que estamos perante uma ação que exige reorganização em várias dimensões, ou seja, por um lado um maior investimento a nível da Escola de Saúde, por outro, uma preparação e certificação dos campos de estágio e por fim, que estes enfermeiros sejam contratados na totalidade, porque efectivamente são precisos nas instituições, e provamos isso facilmente com o cálculo das dotações seguras. Só com este movimento organizacional, poderemos pensar em cuidados sustentáveis, de qualidade e segurança.

Nélia Câmara